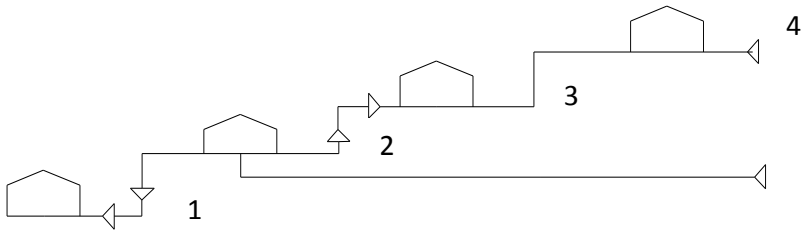
Convento das Irmãs Franciscanas de Calais, Quinta da Azenha, Gondomar, 1961



1 Alas das irmãs professas

2 Espaço de entrada, recepção, salas de visita e capela principal

3 Alas das irmãs noviças

4 Casa da Quinta da Azenha - pré-existente - com entrada independente do Convento

Convento das Irmãs Franciscanas de Calais, Quinta da Azenha, Gondomar, 1961

Os espaços interiores visitados foram: entrada, capela principal, claustro e refeitório. No exterior foi possível o acesso à zona sul e nascente.

Implantação

O convento situa-se na Quinta da Azenha e localiza-se imediatamente a poente da casa pré-existente. Vários núcleos articulados correspondentes a funções específicas se implantam no terreno segundo a mais conveniente exposição solar.

Pela criação de três plataformas base define-se o grau de acessibilidade Casa da Quinta da Azenha - pré-existente - com entrada independente do Convento de cada espaço. A plataforma intermédia corresponde ao momento das Alas das irmãs noviças, da entrada e engloba a capela principal e os espaços de visita. A partir desta, o espaço de entrada, recepção, salas de faz-se a ligação a uma cota mais baixa onde o claustro organiza o salão de visita e capela principal. Alas das irmãs professas conferências e festas, o refeitório e filtra o acesso à ala poente de dormitório.

O acesso à segunda ala de dormitórios, na plataforma mais elevada, faz-se também a partir da cota intermédia mas um corredor de acesso torna-a distante e por isso mais reservada.

A casa da Quinta esconde-se pela vegetação e corresponde, no fundo, a uma quarta plataforma definida no terreno.

Materiais

Desde a telha ao pavimento, todos os materiais estabelecem com os planos de reboco brancos uma relação contrastante.

O granito dos volumes mais pequenos separa-os dos de maior dimensão, acentuando uma ideia de embasamento mas de certa independência em relação aos outros que, não só pela forma mas pela diferença de cor – o branco do reboco -, se tornam maiores, mais verticais, mais fortes. Esta imponência resultará da utilização do granito como material resistente em diálogo com o betão armado. Se o granito se afirma como embasamento volumétrico, o betão, ligeiramente recuado do plano branco da fachada, pode ser lido também como base estrutural dos planos verticais.

Pelo uso dos materiais, o Convento resulta num aglomerado de volumes que afirmam uma hierarquia resultante da sensação de leveza de cada um deles. A capela, apesar de maciça, eleva-se no conjunto. Os volumes de dormitórios já se agarram mais ao embasamento que lhes segue a forma e os pequenos volumes parecem surgir do chão.

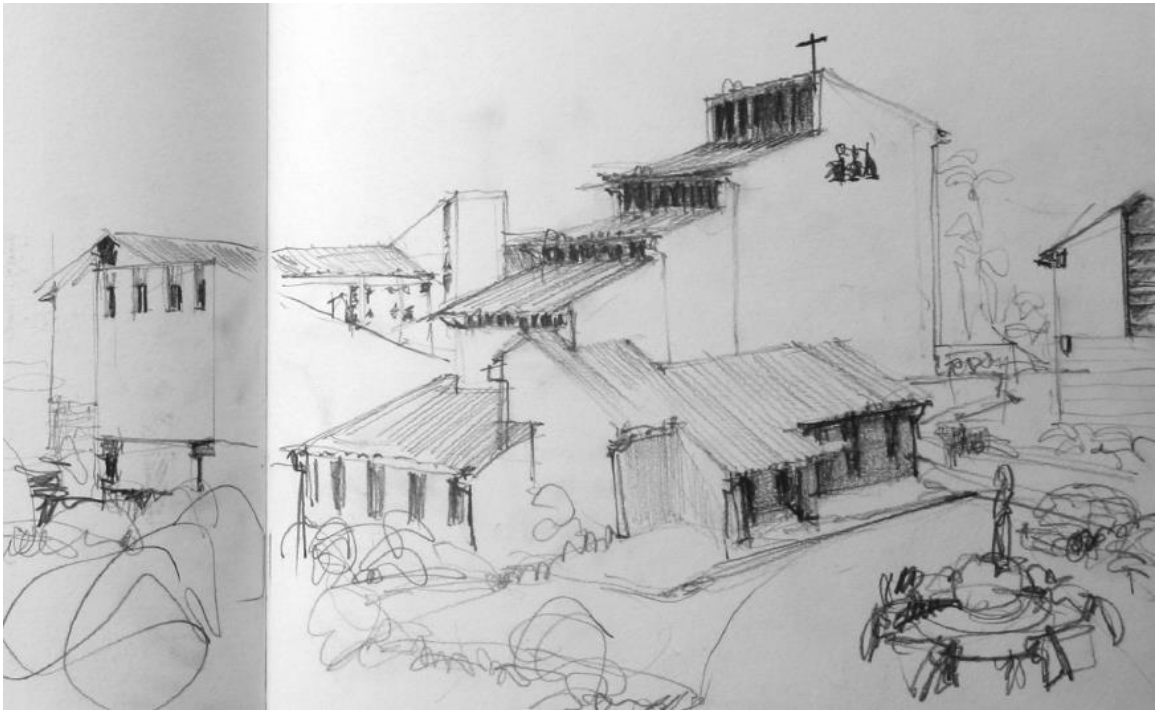
A construção faseada do convento percebe-se principalmente pelas caixilharias. No primeiro volume de dormitórios, as caixilharias em madeira contrastam com os planos brancos. No volume mais actual, a madeira deu lugar ao alumínio branco. Os planos de reboco branco, interrompidos pelos vãos e pelos seus contornos em betão armado, diluem aqui os seus limites.

No primeiro momento, as janelas tornam-se mais profundas, mais recuadas em relação ao plano de fachada. Neste volume, o branco da caixilharia avança desfazendo contrastes.

A tradicional telha ganha também expressão pois não se reduz a uma simples cobertura. Aqui, os planos inclinados são principalmente definidores de forma.

Estrutura | Estruturado

No exterior, não há uma forte leitura dos elementos estruturais. Os volumes são tratados como massa não deixando praticamente transparecer a estrutura que lhes dá forma. Esta aparece diluída, quase como moldura dos vãos. No interior, a estrutura é também estruturadora de espaço - os elementos tanto verticais como horizontais unem-se aos limites espaciais. No entanto, é através da luz que eles se soltam destes limites e ganham autonomia. Na capela, as vigas ritmadas da cobertura estão associadas às fortes entradas de luz. Também no salão de conferências ou festas, assim como no refeitório, um jogo de planos no tecto e de entradas de luz a ele adjacentes libertam os elementos de betão que adquirem assim grande expressividade. Não há por isso uma diluição dos elementos estruturais nos elementos estruturados, mas eles assumem a sua presença e participam numa certa plasticidade dos espaços.



Paredes

Todas as paredes são definidoras de volumes e nunca se soltam. Na entrada, apesar de poder haver uma aproximação da leitura de lâmina, o volume continua a ser lido. Não há, como no recreio coberto da Escola do Cedro ou na sala da Casa de Ofir, uma independência entre os elementos.

Também nos alçados dos volumes de dormitórios, apesar da interrupção dos planos brancos que lhe atribuem uma certa verticalidade, a leitura de volume mantém-se.

Volumetria

Desde longe, pela situação elevada, o convento afirma-se na paisagem como um aglomerado de volumes. Já à entrada da quinta, os vários corpos vão-se afirmando pela força da sua verticalidade, numa hierarquia: a capela é mais alta do que os dois volumes muito semelhantes correspondentes às duas alas de dormitórios. Aqui, a vegetação e a própria topografia do terreno escondem ainda o conjunto de volumes mais pequenos. À medida que nos vamos aproximando, este aglomerado surge como uma espécie de embasamento irregular que articula todas as partes. Ao longo do percurso, a percepção de uma leve marcação da entrada e a revelação de várias cotas de implantação vão permitindo a leitura global do conjunto como a articulação das plataformas a diferentes alturas.

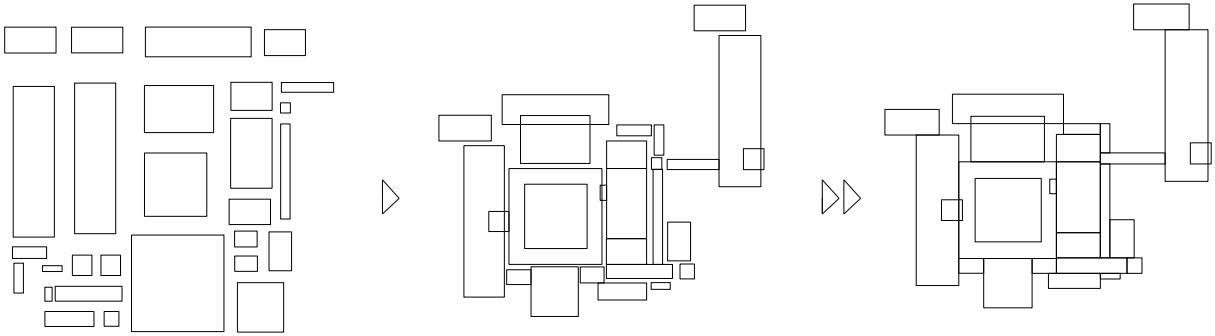
Apesar de uma base regular, os volumes interceptam-se alcançando uma complexidade máxima na capela. Acentuando este jogo de intercepções, as coberturas inclinadas atribuem à volumetria um maior dinamismo. Há uma forte relação entre os espaços interiores e os volumes que lhe dão forma: a capela e o embasamento de volumes mais pequenos reflectem para o exterior os espaços que encerram. Nos volumes de dormitório há maior rigidez volumétrica. Aqui, os planos de alçado e a cobertura formam, no seu conjunto, um volume resultante de um interior que se sente compartimentado, mas regrado, feito de partes iguais que se repetem.

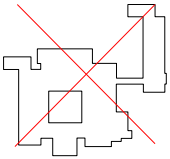
Cobertura

As coberturas são, nos espaços interiores, os planos de maior expressividade.
Partindo de uma planta geometricamente regular, o plano inclinado da cobertura chega a multiplicar-se em vários planos (como acontece na capela principal). As entradas de luz superiores, mesmo quando não directamente verticais, criam neste(s) planos inclinados um jogo de luz e sombra.

É quase automático, ao entrarmos em espaços como a capela, orientarmos o nosso olhar até ao plano de tecto. Aqui, apercebemo-nos da verticalidade do espaço e revemos a cobertura que expressivamente marca a imagem exterior do convento. A cobertura é feita de vários planos inclinados que, no seu desfasamento, dão lugar às pequenas janelas. Estas, juntas, formam um vão contínuo. Nos volumes correspondentes aos dormitórios, a cobertura

torna-se menos presente: as duas águas simétricas atribuem aos volumes um carácter de maior rigidez mas de menor impacto. No aglomerado de volumes mais baixos as coberturas apontam uma direcção e um sentido a cada corpo. Na entrada a cobertura vem buscar o visitante pela redução da escala. O volume do salão vira-se, pela inclinação do telhado, para o claustro e não para o exterior.





O edifício como somatório de partes – é aglomerado, não é síntese.

Relação com a envolvente

O edifício do Convento relaciona todos os seus limites com o espaço da Quinta e o percurso entre vegetação que se faz até ao edifício atribui-lhe um certo carácter de isolamento. Visualmente, um amplo círculo verde, que deixa transparecer a pendente do terreno, rodeia o aglomerado de volumes. A localização à cota alta do edifício permite que se avistem ao longe os aglomerados urbanos do concelho de Gondomar.

Interior | Exterior

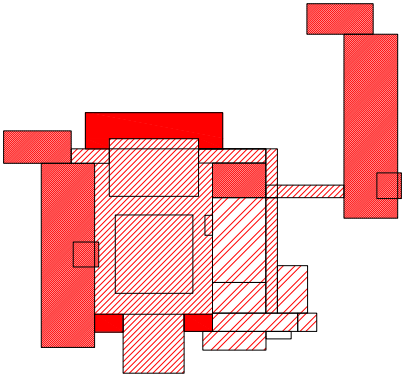
Os espaços interiores resultam de formas geométricas puras. Assim como há a leitura de um aglomerado de volumes desde o exterior, os espaços interiores sucedem-se com os seus limites bem definidos. Não há uma leitura de espaços fluidos mas temos consciência do princípio e fim de cada um deles, dos momentos – planos - de passagem O edifício como somatório de partes – é aglomerado, não é síntese.

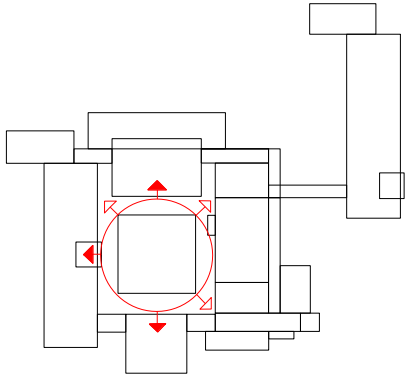
O plano de tecto é talvez o que, pelos constantes jogos de luz – capela, refeitório, sala de conferências e até mesmo corredores –, se torna mais diluído. Esta sensação é reforçada pela redução de aberturas ao exterior à nossa altura.

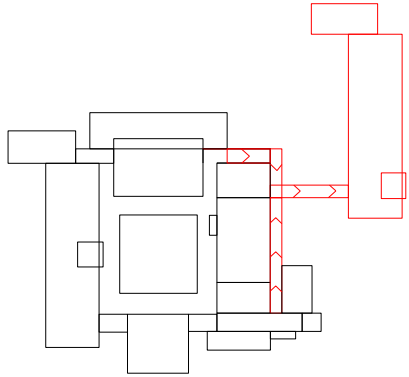
Os espaços ganham por isso uma verticalidade apoiada num certo isolamento visual do exterior. Com excepção dos espaços de dormitórios, as aberturas visuais ao exterior ficam

reduzidas ao contacto com o espaço do claustro. Mas mesmo este é pela sua geometria um espaço com os mesmos limites rígidos dos espaços interiores.

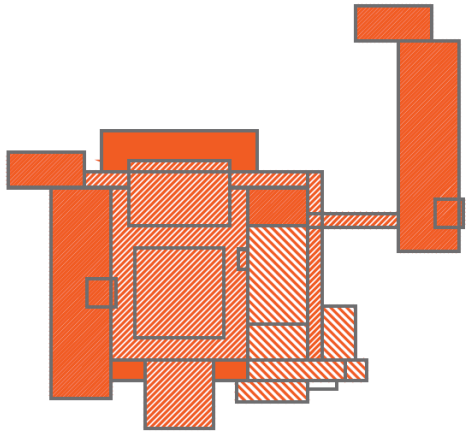
O convento vive assim virado para o seu interior (apesar de exterior) onde a luz vertical ganha expressão. Mais do que forma e luz, estas opções deixam transparecer um cuidado na procura de uma forma de vida e permitem uma leitura quase simbólica destes elementos.







Planta 1. Hierarquia de espaços internos | Planta 2. O claustro como centro articulador das partes | Planta 3. O isolamento da ala de dormitórios do noviciado (Ala de dormitórios do noviciado e corredores de acesso)



Planta do lado é feita por *Prnt Scrn* que representa a 1º que esta a AutoCad, legenda em *Prnt Scrn:*

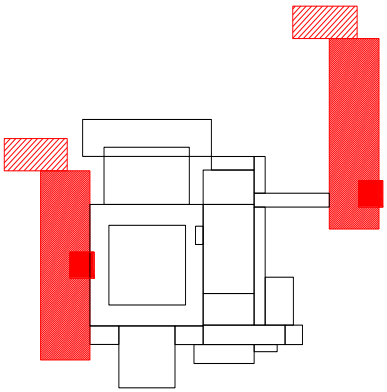
- Espaço de entrada, recepção, salas de visita e capela principal
- Espaço comum
- Espaço de acesso específico - noviciado, irmãs professas, sacerdotes
- Espaço técnico

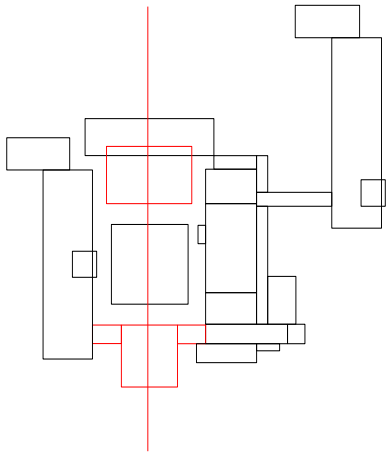
Programa

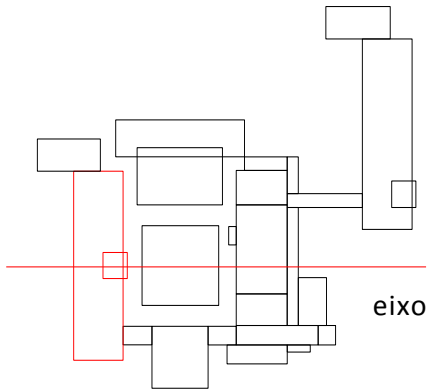
O programa do Convento divide-se em três partes principais. A primeira corresponde à zona de maior contacto com o exterior e engloba a entrada, a portaria e as salas de visitas com sanitários próprios. Uma segunda zona, definida como zona comum, é constituída pelos espaços de uso colectivo e técnicos: a capela com sacristia e sala de sacerdotes adjacente, o claustro, a sala de festas ou conferências, o refeitório, a cozinha com copa, despensa, lavandaria, e rouparia.

A terceira função programática corresponde às alas de dormitórios que se dividem em dois tipos: noviciado e Irmãs professas. Em cada uma das alas surgem espaços de escritório, de costura, de aula (para o noviciado) e arrecadação.

Actualmente, o programa de Convento é articulado com o uso do edifício para o Colégio que ocupa uma parte dos espaços colectivos e alguns espaços da ala nascente de dormitórios.







1º Desenho: Elementos que se repetem

2º e 3º Desenhos: Simetria volumétrica e de desenho de fachada (linhas vermalhas)

Módulo

Apesar da repetição de certos elementos como os volumes de dormitórios, não há uma leitura de módulo. A repetição reduz-se à expressão de elementos com a mesma função.

Ritmo

O ritmo marca presença no desenvolvimento de certos espaços através da luz. Espaços como os corredores e a capela ganham, pelo ritmo criado com as entradas de luz no plano do tecto, um duplo eixo. A forte direcção entrada – altar, na capela, e o sentido de percurso, nos corredores, são interceptados por um ritmo transversal. Aqui, o ritmo pela repetição das entradas de luz influi na leitura espacial.